

40 ANOS DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA BAHIANA

Maria Luisa Carvalho Soliani Coordenadora Geral da Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências.
Diretora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Resumo

O texto traz um breve histórico da trajetória da Terapia Ocupacional, dos primórdios aos dias atuais, com ênfase na celebração dos 40 anos do curso de Terapia Ocupacional da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, suas conquistas e desafios para manter o Curso, com pequenas turmas, usando de criatividade e competência educacional, ancorado na convicção da importância social de fazê-lo, sem perder a qualidade do ensino e sem abrir mão da formação ética e técnica.

Palavras-chave: Trajetória; Terapia Ocupacional.

Abstract

The text provides a brief history of the trajectory of Occupational Therapy, from the beginnings to the present day, with emphasis on the celebration of 40 years of Occupational Therapy course of Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, its achievements and challenges to keep the course, with minor classes, using creativity and competence education, anchored in the conviction of the social importance of doing it without losing the quality of education and training without sacrificing ethics and technique.

Keywords: Trajectory; Occupational Therapy.

INTRODUÇÃO

Reencontrar pessoas com as quais convivemos por muitos anos em algum momento da nossa história, num passado próximo ou mesmo longínquo, como estamos fazendo hoje, neste V Encontro de Egressos de Terapia Ocupacional da Bahiana, traz sempre emoções e sentimentos intensos. Mais ainda, quando estas pessoas fizeram parte de um momento tão importante de nossas vidas quanto aquele em que estávamos começando a nos construir como profissionais.

Desde a formatura, 10 anos se passaram, num piscar de olhos, para a Turma de 2002, hoje homenageada especial. Muitos e muitos anos também passaram, num piscar de olhos, para todos aqueles que se formaram nestes 40 anos do Curso de TO da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e a quem, hoje, também queremos estender nossas homenagens, pois afinal, estamos em festa e fazer 40 anos é um marco na nossa vida institucional. Tenho certeza desta sensação de piscar de olhos, porque para os que aqui ficaram, como nós, professores, coordenadores, técnicos, os anos também correram céleres, quase imperceptíveis. Acredito que também para os que se foram por motivos os mais diversos, para todos nossos

convidados e amigos presentes. No entanto, durante estes anos, muitas coisas mudaram, crescemos como profissionais e como pessoas, melhoramos em vários aspectos, em alguns, pouquinhos, podemos até ter piorado, e todos envelhecemos, por fora e por dentro. Mas é bom envelhecer e poder falar disto, pois significa que estamos vivos e compartilhando este viver.

O melhor de tudo, porém, é que, lá no fundo, ainda podemos ser os mesmos se nós nos olharmos com os olhos da alma. Podemos ainda manter os mesmos sonhos que nos levaram e nos fizeram ser o que éramos há anos, porque sonhos não sofrem, necessariamente, a ação do tempo. Sonhos podem desaparecer sem nunca ter envelhecido. Por isto, podemos também conservá-los para sempre e mesmo fazer nascer novos, toda vez que quisermos. Com a vantagem de que, quanto mais velhos estivermos, mais aptos estaremos para realizá-los, por sermos mais maduros e experientes do que quando começamos sonhá-los.

O dia de hoje é um dia para comemorar, no mais profundo sentido da palavra, que é o de lembramos juntos as histórias e os momentos vividos e dividirmos estas nossas memórias, e nos rirmos delas, e nos alegrarmos com elas.

A história da Terapia Ocupacional começa há muito tempo atrás. Na antiguidade, tanto no oriente quanto no ocidente, já se busca “ocupar e divertir” o doente para proporcionar-lhe bem estar. No Egito, os doentes eram estimulados com música, dança e passeios pelos jardins. Os gregos e os romanos tinham templos para tratamento dos doentes nos quais a música e a diversão estavam presentes. Por volta de 1409, na Espanha, o *Hospital de los Santos Inocentes*, onde eram acolhidos doentes mentais e crianças abandonadas, institui o trabalho agrícola como uma prática para manter os doentes ocupados. Mas é Pinel, na segunda metade do século XVIII, quem desenvolve uma teoria e um método para tratamento dos doentes mentais que pode ser considerado a base da Terapia Ocupacional como “ciência interdisciplinar e método sistematizado”. Pinel leva, para dentro do Hospital, as ideias de liberdade da Revolução Francesa. Liberta os doentes das celas e das correntes e lhes proporciona atividades em várias áreas da instituição como a cozinha e o jardim.

No Brasil, estas ideias chegaram com a vinda da Corte. No Hospício Pedro II, em 1884, os pacientes já trabalhavam em oficinas de diversos tipos como de sapataria, alfaiataria, marcenaria, confecção de flores e fiação de estopa. Com Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, nos primeiros anos do séc. XX, o uso do trabalho como tratamento, em especial nas atividades agrícolas, ganha grande impulso. Em São Paulo, Franco da Rocha e Antonio Carlos Pacheco

introduzem a praxiterapia, propondo aos doentes uma ocupação escolhida de forma livre, mas dirigida com metodologia, e cuja utilidade para o hospital não fosse o objetivo.

Na década de 40, Nise da Silveira, no Hospício Pedro II, opondo-se fortemente às terapias da época que incluíam eletrochoque e lobotomia, passa a dirigir um setor do hospital: o Setor de Terapia Ocupacional, então visto apenas como um lugar para distrair os pacientes. Nise, aí, desenvolve suas ideias e incentiva seus pacientes a expressarem seus modos de estar no mundo, melhorando assim suas condições de vida. Nasce o Museu do Inconsciente e este ano, a Bienal de São Paulo mostra, de forma emocionante, o trabalho de Arthur Bispo do Rosário, um dos pacientes do Hospital e um dos maiores nomes da arte contemporânea brasileira. Entrar no espaço dedicado a ele é uma experiência única, diante de seus mantos lindamente bordados de fios, dos objetos simples do cotidiano como canecas, copos, pratos, papéis, pentes, qualquer coisa que se possa imaginar e que lhe chegava às mãos, arrumados em uma ordem peculiar que faz dos gestos e objetos cotidianos arte e terapia. Eu estive lá e vi e senti.

E pensei muito em vocês, terapeutas ocupacionais. Nesta incrível profissão que vocês escolheram e estão exercendo com garra e determinação. Profissão que estuda e lida com as atividades do cotidiano, das mais simples às mais complexas, incluindo o trabalho e o lazer, com o objetivo de tratar problemas físicos, mentais, emocionais e sociais e que, desde 13 de Outubro de 1969, por meio do decreto-lei n. 938, tornou-se uma profissão regulamentada.

TERAPIA OCUPACIONAL NA BAHIANA

Já se vão 43 anos, e passaram tão rápido como passaram os 40 anos do Curso de Terapia Ocupacional da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, criado em 1972, dentro do contexto do Movimento Mundial de Reabilitação.

Somos pioneiros, ousados e inovadores e temos em nossos genes estes atributos herdados de nossos fundadores os quais, em 1952, criaram a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública que, neste ano, também está comemorando outra data importante: seus 60 anos muito bem vividos.

Nosso curso de Terapia Ocupacional foi o primeiro e continua sendo o único curso, até hoje, no Estado da Bahia, responsável pela formação de praticamente todos os profissionais atuantes no estado.

Fomos o primeiro curso no Brasil que abordou a Educação em Saúde e a possibilidade de atuação dos terapeutas ocupacionais na Promoção da Saúde e que abordou a Saúde do Trabalhador, na perspectiva da Vigilância em Saúde, tornando-se referência para o país e auxiliando na flexibilização dos critérios da WFOT para a filiação dos cursos de TO.

Fomos o primeiro curso da Escola Bahiana que teve um pedagogo em sua equipe de coordenação, orientando professores sobre metodologias de ensino, recursos didáticos e sistemas de avaliação.

Hoje trabalhamos em práticas integradas com profissionais de outras áreas da saúde como no Programa Candeal, no Complexo Comunitário Vida Plena, na Odontologia onde contribuimos para a discussão sobre a atenção odontológica à pessoa com deficiência.

Incentivamos a pesquisa e a carreira docente e nos orgulhamos de nossos ex-alunos que se lançaram em mestrados e doutorados (alguns em nossos próprios programas strito-sensu como o Mestrado e Doutorado em Medicina e Saúde Humana e o Mestrado Acadêmico Tecnologias em Saúde) e que hoje atuam na Escola, como Moniere Caroso, Ana Cláudia Braga, Carina Vieira, Carina Brandão, Isa Coutinho, pertencentes à jovem guarda, e também, Ana Joaquina, Sofia e Tereza, da velha guarda ainda cheia de vitalidade e disposição para a luta. Queremos lembrar, também, daqueles que atuam em outros cursos, pelo país afora, como Carina Pimental, hoje coordenadora do curso de TO da Universidade Federal de Sergipe e Marcele Pinheiro, professora deste mesmo curso. Incentivamos também a iniciação científica e a publicação de artigos, mantendo uma revista eletrônica própria – a Revista Bahiana de Terapia Ocupacional.

Na verdade, nos orgulhamos também de nossos alunos e ex-alunos que não são docentes e nem pretendem ser e os agradecemos sempre, pois são eles que nos ajudam a crescer, a melhorar continuamente, a consolidar uma maneira própria de fazer e ensinar Terapia Ocupacional. São eles que levam o nome da nossa Escola a todos os lugares aonde vão e exercem com competência e paixão a profissão.

Nestes tempos difíceis, juntos, estamos enfrentando o desafio de manter o Curso de Terapia Ocupacional com pequenas turmas, usando de criatividade e competência educacional, e nos ancorando na convicção da importância social de fazê-lo, sem perder a qualidade do ensino e sem abrir mão da formação ética e técnica. Somos teimosos, sonhadores e realistas. Uma mistura que vem dando certo e não se constitui um paradoxo.

Nestes anos todos também nos preocupamos em contribuir com os movimentos de organização discente e docente dos terapeutas ocupacionais, pois sabemos da sua importância para a consolidação da Terapia Ocupacional no país. Sendo assim, realizamos, em conjunto com o Diretório Acadêmico, em 1982, o Encontro Nacional de Universitários de Reabilitação. Em 2000, realizamos o Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional, com a presença de todos os cursos do Brasil. Em 2004, com o Diretório de TO realizamos ainda o VI Encontro dos Estudantes de TO.

Ao correr do tempo construímos parcerias sólidas, tanto na área pública como na privada, com instituições filantrópicas. São nossos companheiros de caminhada a SESAB, a SMS, a Universidade Federal da Bahia com a residência materno-infantil, a APAE, o IBR, a Holos, as Organizações Sociais Irmã Dulce, o GACC, o ICB, o Hospital Aristides Maltez. A todos e a cada um em particular somos gratos e reconhecidos pelas possibilidades de crescimento que nos propiciaram e continuam a propiciar.

Nossa mais recente conquista institucional, a participação da Bahiana no Parque Tecnológico da Bahia, como única instituição privada entre as seis que o compõem no momento, traz para a Terapia Ocupacional grandes perspectivas de crescimento na área de pesquisa e inovação, em especial, em tecnologia assistiva.

Não podemos terminar esta história, sem lembrar e agradecer a três figuras ímpares que foram os grandes promotores e incentivadores da Terapia Ocupacional na Escola Bahiana: os Professores Celso Figuerôa, Geraldo Leite e Humberto de Castro Lima. Sem eles, sem seu entusiasmo, sua capacidade de agregar pessoas, sua coragem, sem sua clareza de objetivos e visão de futuro talvez nada disso tivesse acontecido.

Mas nada teria acontecido, também, se não fossem os professores excelentes, e dentre eles aqueles que se destacaram porque aceitaram o desafio de serem coordenadores de curso como Maria Tereza Baraúna, Suely Galvão, Ana Joaquina Passos que com sua competência e dedicação a cada dia, a cada momento, afirmaram e reafirmaram seus conhecimentos científicos e técnicos, e ensinaram com amor e arte uma profissão tão bela, porque humana, demasiadamente humana em seu conteúdo, em sua forma, em seu objeto: as atividades do dia a dia dos homens, atores do mundo, capazes de o transformarem enquanto se transformam a si mesmos e de se realizarem por meio daquilo que constroem.

A todos vocês, alunos, ex-alunos, professores, pacientes, coordenadores e colaboradores nosso reconhecimento e gratidão.

Sem vocês esta história não teria vida, pois vocês são os atores que transformaram um belo sonho em realidade.

E, como no poema de Adélia Prado, depois de tudo que passamos, hoje podemos juntos afirmar:

“O sonho encheu a noite
Extravasou pro meu dia
Encheu minha vida
E é dele que eu vou viver
Porque sonho não morre”.

Muito obrigada.